



Ministério da Educação – Brasil  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil

Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas

Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM

ISSN: 2238-6424

QUALIS/CAPES – LATINDEX

Nº. 08 – Ano IV – 10/2015

<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## O Jequitinhonha nos versos de Gonzaga Medeiros

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Juliana Helena Gomes Leal

Doutora em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras da UFMG  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG/MG - Brasil

Professora Adjunta II de Literatura Latino-americana da Faculdade Interdisciplinar  
em Humanidades (FIH) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e  
Mucuri - UFVJM - *Campus* de Diamantina - Minas Gerais/Brasil

<http://lattes.cnpq.br/3162249312081448>

E-mail: [juleal@yahoo.com](mailto:juleal@yahoo.com)

Kênia Aparecida Pereira

Licenciada em Letras pela Faculdade Interdisciplinar em Humanidade da UFVJM  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM/MG - Brasil  
Acadêmica do Curso de Especialização em Ensino de Sociologia para o Ensino  
Médio da UFVJM - Pólo Minas Novas - Minas Gerais/Brasil

<http://lattes.cnpq.br/7262522132339072>

E-mail: [kenia.riopreto@hotmail.com](mailto:kenia.riopreto@hotmail.com)

**Resumo:** Este trabalho, resultado de uma pesquisa de iniciação científica Pibic/CNPq e premiado na IV SINTEGRA/UFVJM, se propôs a investigar o universo poético do escritor mineiro Gonzaga Medeiros para compreender como o eu-lírico se apropria, cria e ressignifica uma memória do Vale do Jequitinhonha a partir de sentidos outros, de interpretações alternativas ao propagado pelo sentido advindo da expressão “Vale da miséria” que possuem relevância nos processos de (re)construção de subjetividades e de identidades. As antologias aqui analisadas, *Jequitinhonha*: antologia poética I e II (1982; 1985) são um rico material que representa o Vale pelo aspecto de sua diversidade cultural e suas potencialidades, além de se constituírem por um rol de poemas, de variados escritores, ainda pouco conhecidos e estudados.

**Palavras-chave:** Literatura. Vale do Jequitinhonha. Identidades.

## Introdução

O Vale do Jequitinhonha<sup>1</sup> permaneceu, por décadas, caracterizado como uma “região-problema”, de miséria e de atraso. Uma visão baseada, sobretudo, no negativo e na falta que se propagou, tomou lugar no inconsciente das pessoas e influenciou na constituição de uma identidade homogênea, calcada numa visão estereotipada, para este lugar. Segundo Mateus de Moraes Servilha (2012), a partir de 1960, o Vale passa a ser visto pelo Estado de forma peculiar, especialmente nota-se pela proposição de políticas governamentais como: melhoria de rodovias e projetos de desenvolvimento econômico visando redimir esta região da pobreza. Neste período ocorre, por exemplo, a criação da Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha, mais conhecida como CODEVALE<sup>2</sup>. Esta comissão se constituiu “a partir do discurso da superação de uma desigualdade regional estadual, que produziu, segundo Badaró (1984), uma área miserável necessitada de salvação.” (SERVILHA, 2012, p. 77). Servilha questiona este discurso político criado e reproduzido em torno da homogeneidade, isolamento e coesão do Vale e discute que houve um processo de potencialização, pelo Estado, do Vale do Jequitinhonha como “região-problema” e “região-subdesenvolvida”. O fragmento abaixo ilustra bem a veiculação dessa imagem negativa do Vale:

Atraso e miséria tornam-se marcas históricas de uma região que acabara de surgir. Uma bacia com enorme diversidade de realidades socioespaciais, socioculturais e socioeconômicas, torna-se homogênea aos nossos olhos, representada pela repetição de imagens da seca, de notícias da fome e de índices de pobreza. (SERVILHA, 2012, p. 144)

Sabemos que durante a década de setenta o país ainda era governado por militares, mas que, nesse mesmo período, começam a efervescer movimentos sociais e culturais em todo o país. O Vale do Jequitinhonha vai acompanhar este

---

<sup>1</sup>“Várias são as explicações para a origem do nome Jequitinhonha. A mais popular delas é a de que esse rio, tão rico em pesca, era um imenso Jequi (um trançado de taquara em forma de um cesto, bem amplo na base e com a boca estreita) cheio de onhas (peixes). Daí, Jequi tem onha.” (MATTOS, 2001, p. 37).

<sup>2</sup>Criada em 1964 e extinta em 2012, a CODEVALE agregaria todos os municípios da bacia do Rio Jequitinhonha e destinava-se a: “elaborar e a executar, pelo prazo de vinte anos, o plano de desenvolvimento socioeconômico do Vale do Jequitinhonha Mineiro.” (Constituição Estadual (Nº 9, de 27/02/64), *apud* SERVILHA, 2012, p. 67).

processo vivido no país ao colocar em prática um pensamento de valorização da cultura popular, de despertar da força do povo massacrado pelos resquícios do coronelismo na região, pelas injustiças e pobreza. Uma iniciativa, neste sentido, foi a criação/existência do Jornal *GERAES*<sup>3</sup> que contribuiu para outras possíveis interpretações sobre a região, apresentando problemas como pobreza, distribuição de terras, agricultura, educação, entre outros, de forma crítica e politizada.

Outro movimento cultural de bastante repercussão no Vale foi, e ainda é, o Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha - FESTIVALE<sup>4</sup>. Servilha destaca que o jornal *GERAES* e o Festivale são espaços que dão sentido para uma arte preexistente no Vale e para o fortalecimento de um movimento cultural na região.

Feitas estas considerações sobre a imagem disseminada pelo termo “Vale da miséria” e da importância dos movimentos culturais para sua superação, propomos a pensar a poesia como “instrumento discursivo bastante expressivo e significativo acerca da região” (SERVILHA, 2012, p. 232) para contribuir com novas visões sobre o Vale. Sabemos que o estigma acima referido reforça a crença numa representação do Jequitinhonha da qual ninguém se orgulha, e que deveria ser revista, já que interfere nas construções sobre o *si mesmo*, isto é, sobre a autoimagem elaborada pelos seus moradores:

Já não seria hora de rever esse “denuncismo” e considerar que essa imagem está se transformando em um peso para a população local, afetando a sua auto-imagem e alimentando a indústria da miséria? Ou já não seria o caso de repensar a própria idéia de desenvolvimento que sustentou essas oposições? (SOUZA & HENRIQUES, 2010, p.12)

Apoiando-nos nestas inquietações acerca das representações únicas e estereotipadas sobre o Vale do Jequitinhonha, como as já mencionadas, e percebendo que algumas dessas visões foram ou são sustentadas pelo Estado e por políticos oportunistas (que ainda existem por aqui), recorreremos aos versos de

---

<sup>3</sup> Criado por Tadeu Martins, George Abner, Aurélio Silby e Carlos Albérico Figueiredo o *Geraes*, “jornal tabloide, formato 37 x 27 centímetros, impresso em preto e branco, com tiragem de três mil exemplares, viveu sete anos: de março de 1978 a julho de 1985.” (MARTINS, In: NOGUEIRA, 2012, p. 154).

<sup>4</sup> O I FESTIVALE foi realizado em 1985, em Itaobim e, desde então, anualmente, é realizado em uma cidade da região. O Evento configura-se como espaço rico para debate e celebração da cultura popular do Vale, em cuja programação estão incluídos a música, a poesia, o artesanato e o teatro da região.

Gonzaga Medeiros para que pudéssemos pensar e ver o Vale a partir de uma ótica que ultrapasse esta interpretação que paralisa, engessa e cristaliza os sentidos em torno da diferença, do outro e da diversidade cultural.

Frente a esse desafio de reconstrução da “autoimagem” do povo do Jequitinhonha faz-se necessário desvelar, revelar e disseminar outros valores presentes nas representações artísticas sobre a região. Valores estes que podemos encontrar no *verbo destemido* de Gonzaga Medeiros ou, ainda, em produções artísticas várias, inclusive cinematográficas, como os filmes “Os narradores de Javé” (2004), dirigido por Eliane Cafeé; “Terra deu, terra come” (2010), por Rodrigo Siqueira e, ainda, como as que levanta Servilha (2012)<sup>5</sup>, que exercitam novas formas de reconhecimento e, conseqüentemente, de valorização do povo da região a partir da ênfase de um *vale amado* que nos orgulha.

Quando se volta o olhar e a atenção às pessoas dos pequenos lugares e elas percebem que valorizamos e realmente admiramos a sua maneira de ser, uma grande transformação se inicia. Estas pessoas vão deixando de ser “carentes, vítimas da seca e do infortúnio” e passam a ser pessoas que se reconhecem enquanto indivíduos que possuem algo a oferecer e do qual se orgulhar. Quando descobrem que o seu lugar de origem não é miserável, mas um lugar especial que passa por dificuldades, começam a trabalhar para a melhoria das condições da vida de sua comunidade recuperando a autoestima e a alegria de ser quem realmente são.

Diante disso, esta pesquisa adquire relevância ao trazer, para o ambiente acadêmico da UFVJM, esta rica discussão sobre a diversidade cultural do Vale do Jequitinhonha, que outrora, reconhecido por adjetivos negativos, passa por um processo de superação e autovalorização pelo viés do fortalecimento da cultura. Compreendemos, assim, que este material poético poderá servir de inspiração para que, “juntos na mesma canoa”<sup>6</sup>, contribuamos com a difusão de uma visão positiva do Vale, de sua riqueza e diversidade cultural e, com isso, agreguemos elementos

---

<sup>5</sup> Servilha (2012, p. 291-292) menciona em sua tese artesãos, músicos da região que conseguem incorporar elementos artísticos regionais em suas produções. O autor cita inúmeros artistas, tais como: Neiton Lima, O Coral das Lavadeiras de Almenara, Carlos Farias (...) Déa Trancoso, bem como grupos de teatro e artesãos: Lira Marques, Dona Zefa, Adão, Ana do Baú, Isabel, Seu Preto, Antônio Prego, Ulisses Mendes.

<sup>6</sup> A expressão citada no texto encontra-se na introdução da obra Jequitinhonha: Antologia poética, de 1982.

novos às discussões dos movimentos de valorização e engrandecimento da gente destas terras.

## Interpretações

Conta, conta, cantador  
Conta a história que eu pedi  
Dizem que o Jequi tem onha  
Conta as onhas do Jequi. (ALMEIDA, *et al.*, 1982, p. 31)

Os versos acima são do poema *O Jequi tem onha*<sup>7</sup> que nos possibilitam distintas interpretações acerca da diversidade cultural do Vale, aqui, simbolicamente, representada pelas “onhas”. Emerge, no poema, uma voz que procura denunciar as injustiças e convocar o povo para contar a sua história, falar de sua terra, cultura e valor com orgulho e sentimento de pertencimento elevado. E, sobretudo, construir um contradiscurso apoiado na ideia de que não somos “o Vale da miséria” e sim, “Nós somos o Vale/ nós valemos/ mais pelo que somos/ (...) valendo assim e assim sendo/ sempre valeremos” (ALMEIDA, *et al.*, 1985, p.15).

Poderíamos nos perguntar: que valores exaltam o poeta? O que significa ser do Vale? Alguns versos nos iluminarão para possíveis respostas aclamadas por diferentes vozes de sujeitos do Vale que reconhecem que a força da cultura popular, as crenças e costumes, a capacidade de lutar e resistir estão entre as representações fortes sobre a região. Com isso, elabora-se um movimento que, ao mesmo tempo, re(cria) a *imagem de si*, de sua gente e lugar e desconstrói imagens anteriormente construídas pelo outro.

As “onhas” podem ser compreendidas como uma metáfora que nos faz pensar num Vale que se constitui por sua diversidade cultural, social e espacial que, por conseguinte, nos leva a rediscutir a noção de representação única e assumir a ideia de “representações” ou “onhas do Jequi” que podem ser encontradas, revistas, reavaliadas e transformadas continuamente. Esta proposição está em consonância com o conceito de identidades de Stuart Hall, que as compreende como móveis,

---

<sup>7</sup> Este poema, de autoria de Gonzaga Medeiros, se encontra no livro: *Jequitinhonha: antologia poética*, de 1982. Seus versos foram musicados por Gonzaga Medeiros e Rubinho do Vale no II Festivale, realizado em Pedra Azul/MG, nos dias 17 a 19 de julho de 1981, e obteve o segundo lugar no concurso.

bem como com a defesa da escritora nigeriana Chimamanda Adichie que nos alerta sobre os perigos da crença e da propagação de uma única história sobre povos, culturas e lugares. O problema dos estereótipos, segundo ela, não é seu teor de inverdade, mas o fato de serem narrativas incompletas.<sup>8</sup>

Com estas reflexões avançamos para pensar o conceito de identidade em sentido plural, já que se constitui dinamicamente a partir de um caráter de mutabilidade. Estas identidades, múltiplas e diversas, possuem relação com os processos constitutivos da memória, história e cultura, como destacam Elizabeth Jelín<sup>9</sup> (2002) e Stuart Hall (2003) em seus trabalhos sobre o tema. O fragmento abaixo mostra como a memória existe e se torna componente importante para pensar a construção de identidades:

En todos los casos, pasado un cierto tiempo, - que permite establecer un mínimo de distancia entre el pasado e y el presente - las interpretaciones alternativas (inclusive rivales) de ese pasado reciente y de su memoria comienzan a ocupar un lugar central en los debates culturales y políticos. Constituyen un tema público ineludible en la difícil tarea de forjar sociedades democráticas. Esas memorias y esas interpretaciones son también elementos clave en los procesos de (re)construcción de identidades individuales y colectivas (JELÍN, 2002, p. 5)<sup>10</sup>.

Stuart Hall, importante pesquisador no campo dos estudos culturais, comenta sobre o declínio de uma identidade estável, permanente, essencial ou unificada para dar lugar a identidades cambiantes<sup>11</sup> ou, como nomeia, uma “celebração do móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1989, *apud* Hall, 2011 p. 13). E completa: “A identidade plenamente unificada, completa, segura, coerente é uma fantasia” (2011, p. 13).

---

<sup>8</sup> YOUTUBE, Chimamanda Adichie: O perigo de uma única história – Partes 1 e 2.

<sup>9</sup> Elizabeth Jelín, licenciada em Sociologia, publicou em 2002 o livro: *Los trabajos de la memoria* com discussões e reflexões valiosas sobre memórias da repressão política na América do Sul. Seus temas de pesquisa são: memórias de repressão, cidadania, direitos humanos, movimentos sociais.

<sup>10</sup> Em todos os casos, passado certo tempo, - que permite estabelecer um mínimo de distância entre o passado e o presente - as interpretações alternativas (inclusive rivais) desse passado recente e de sua memória começam a ocupar um lugar central nos debates culturais e políticos. Constituem um tema público inevitável na difícil tarefa de criar sociedades democráticas. Essas memórias e essas interpretações são também elementos chave nos processos de (re)construção de identidades individuais e coletivas. (JELÍN, 2002, p. 5, tradução nossa). Obs: Todas as próximas traduções presentes nessa pesquisa serão de nossa responsabilidade.

<sup>11</sup> Stuart Hall no capítulo: Que negro é este na cultura negra? Do livro: *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003) faz referência à cultura negra no contexto americano, de globalização e de deslocamentos de modelos da alta cultura europeia.

Outra autora que compartilha desta noção de identidades no plural é Zilá Bernd (2003). De acordo com ela, o conceito de identidade no singular carrega armadilhas quando se converte em um sistema estanque, “originando cristalizações discursivas, criando cordões de isolamento entre cidadãos” (*idem*, p. 21). Assim, almejamos não o fortalecimento de uma identidade única, como propõe essa autora, mas pensar o conceito tal e como um rizoma que se multiplica e se abre em busca do outro, aceitando o diferente, o múltiplo, o inacabado, a incompletude como base identitária. Contar as “onhas do Jequi”, nesse sentido, o que faz Medeiros nas duas antologias<sup>12</sup> analisadas nesta pesquisa, seria assumir, simbolicamente, este papel de construir um discurso outro sobre o Vale. Não mais o discurso calcado no rótulo “Vale da miséria”, mas noutros que construam um Vale de múltiplas faces, passível, portanto, de múltiplas representações.

Para apoiar nossa discussão, Frei Chico (2013) destaca que a identidade cultural tem a ver com memória e com vivência comunitária e diz ainda: “a identidade cultural está na base da criatividade, da capacidade de resistir e lutar” (POEL, 2013, p. 494). Segundo o autor acima referenciado, identidade(s) é:

a integração dos sentimentos, sentidos e significados atribuídos a uma pessoa, a um grupo humano, a uma etnia, a uma classe ou a uma nação, o reconhecimento de si mesmo como sujeito ou coletivo com características próprias ou diferenciadas. (*idem*)

Elizabeth Jelín comunga da ideia de existência de histórias e memórias diversas, que variam conforme quem as narram. Se narrada pelos opressores teremos uma história, se narrada pelas vítimas, outra história, pois para a autora: “En cualquier momento y lugar, es imposible encontrar una memoria, una visión y una interpretación únicas del pasado, compartidas por toda una sociedad” (JELÍN, 2002, p. 5)<sup>13</sup>.

Como já dito aqui, o Vale passou décadas sendo oprimido pelo discurso da ausência e do negativo, propagado por políticos, pela mídia e pelos “donos do

---

<sup>12</sup> Esta pesquisa analisou poemas de Gonzaga Medeiros presentes em dois livros. O primeiro, intitulado: *Jequitinhonha*: antologia poética, publicado em Belo Horizonte, em 1982, reúne 75 poesias dos seguintes artistas: Gonzaga Medeiros, José Machado, Wesley Pioest, Jansen Chaves e Tadeu Martins. O segundo, *Jequitinhonha*: antologia poética II, publicado em 1985, inclui poesias de: Wesley Pioest, Gonzaga Medeiros, José Machado de Matos, Jansen Chaves Rêgo e Tadeu Martins Soares.

<sup>13</sup> Em qualquer lugar e momento, é impossível encontrar uma memória, uma visão e uma interpretação únicas do passado, compartilhadas por toda sociedade (JELÍN, 2002, p. 5).

poder”, ou seja, proprietários de terras, de recursos financeiros, etc.. Esta caracterização incidia na difusão de uma imagem única que refletia/reflete na autoestima, no sentimento de inferioridade e de submissão por parte da população marginalizada do Vale.

Como, então, serem ouvidas essas outras histórias? Pela arte, em nossa opinião. Como tão bem assinala Servilha: “O Vale do Jequitinhonha torna-se dizível e visível através da música” (2012, p. 224) e agregamos, através também da poesia, ancorada na cultura popular como resposta da população a “estigmas e explorações presentes na história da região” (*idem*). A arte e a cultura, nesse sentido, vão se constituindo como caminhos para que vozes outras sejam ouvidas, encontrem espaço para questionar a sua condição social e para mostrarem o seu valor. Um contradiscurso que se constrói graças ao apelo de um poeta: “conta, conta, cantador/ conta a história que eu pedi” (ALMEIDA, *et al.*, 1982, p. 31).

Versos do poeta Gonzaga Medeiros, retirados do poema *A verdade quer nadar*, explicitam bem o quanto o papel da memória será importante na superação da situação de exploração, de injustiça, dos resquícios do coronelismo e, principalmente, da politicagem que ainda prevalecem na região. Segundo Jelín (2002, p. 9), o desafio está em superar as repetições, os esquecimentos, os abusos políticos e promover um debate crítico no qual os sujeitos consigam refletir sobre o passado e sobre seu sentido no presente e no futuro:

O cantador quando canta  
angústias do coração,  
no fundo tem um motivo,  
mais no fundo uma razão:  
quem nunca apanhou na cara  
não sabe o peso da mão,  
se quem bate sempre esquece,  
quem apanha esquece não (ALMEIDA, *et al.*, 1985, p. 18)

Reafirmamos que esse esforço memorialístico, presente em alguns poemas de Gonzaga Medeiros, tem “un papel altamente significativo como mecanismo cultural para fortalecer el sentido de pertenencia a grupos o comunidades”<sup>14</sup> que

---

<sup>14</sup> Um papel altamente significativo como mecanismo cultural para fortalecer o sentido de pertencimento a grupos ou comunidades (JELÍN, 2002, p.9-10).



pode ajudar na construção de sentimentos de autovalorização e confiança em si mesmo e no grupo ao qual pertence (JELÍN, 2002, p. 9-10).

Tanto a exposição de Poel (2013), de Jelín (2002), quanto do poema de Medeiros partilham da visão de que a memória tem uma relação com a construção das identidades, do sentimento de comunidade e de pertencimento, pelo viés cultural.

Versos do poema *Vontade Maior* exaltam o forte sentimento de ser do Vale, demonstrando orgulho e carinho ao falar do seu lugar de origem. O Vale do Jequitinhonha, lugar no qual vive. É uma voz poética dividida entre a necessidade de “ir” e a vontade, que prevalece, de “ficar”. O ser sente-se enraizado e quer construir sua vida no Vale, terra amada e sagrada:

Maior vontade há  
De fincar raízes  
No mais que profundo  
Do torrão sagrado,  
aguardar a vida cumprir seu riscado  
(...)  
E quando eu partir,  
ficar escrito  
na pedra que me cobrir:  
“Aqui jaz quem jamais quis jazer  
debaixo de outro chão  
que não seja o do vale do seu  
coração”. (ALMEIDA, *et al.*, 1982, p. 24)

## **Vozes**

Quando o poeta pede que o cantador conte as onhas do Jequi, nos versos aqui já citados, é uma voz imperativa que também se junta a outras vozes. O eu-lírico se coloca como integrante desta voz que tem uma força política, de convocação, de despertar o povo para a luta. Outras vezes a voz é do trabalhador, do lavrador, do oprimido, que, cansado, narra sua luta.

Nos poemas de Gonzaga Medeiros, por vezes, escutamos um grito, uma força convicta sobretudo de seu poder de transformação política. Esta voz não nega sua condição de pobreza material mas, exalta, grandiosamente, outros valores do “ser” em contraposição ao “ter”: as paisagens, a cultura, o fazer, o homem e a mulher enraizados que amam o lugar no qual nasceram e moram.

Em muitos versos, esta voz tem consciência de que vai “incomodar”, que vai produzir deslocamentos, que vai fazer o povo pensar e, a partir disso, começar a querer sair do estado de submissão. Os poemas contêm trechos que demonstram o quanto o eu-lírico é consciente do poder da palavra: “Mil desculpas, coronel/ se falei mais que podia (*ibidem*, p.13)”; “meu repente é um veneno” (*idem*); “Não deixe essa tempestade sufocar **nossa voz**” (*ibidem*, p.15, grifo nosso); “A vaia é o grito livre/ é o desabafo de quem anda na pior” (*ibidem*, p.16).

No título do poema *Repente de lavrador*, publicado pela primeira vez em 1979, na edição n. 5, ano I do Jornal *GERAES*, já aparece a explicitação desse sujeito: um lavrador cuja voz é entendida como instrumento de denúncia das injustiças, da exploração e da miséria relacionadas à questão da terra, “neste vale”, tal e como podemos entrever nos versos de sua primeira estrofe:

Falta chão pra eu plantar  
feijão que é alegria  
neste vale o boi é rei  
lavrador sem regalia  
patrão com rei na barriga  
eu de barriga vazia. (ALMEIDA, *et al.*, 1982, p. 13)

Nestes versos iniciais vemos um lavrador silenciado, que aceita e não questiona sua condição, por medo. Já nos versos finais do poema, ao contrário, encontramos uma voz incomodada, que quer denunciar. Uma voz que se impõe para ser ouvida e que vai falar, destemida, sobre sua condição, sua miséria, mas não de uma forma negativa ou autocompassiva, mas fincada num sentido de potencial de luta:

No galope da verdade  
vou até o raiar do dia  
sou mais que a cascavel  
dou bote sem a rodia  
meu repente é um veneno  
que só Deus, Virgem Maria!  
Mil desculpas, coronel  
se falei mais que podia. (*idem*)

Percebemos nos versos “No galope da verdade/ vou até o raiar do dia”, mais uma vez este eu-lírico mimetizado na imagem do lavrador que quer falar a sua verdade, narrar a sua condição de explorado, de sem terra para plantar, cansado de

tantas injustiças. Nesses versos é posta em pauta a história deste lavrador que tem consciência de sua situação e já não a aceita mais.

Já no título do poema *Vaia, meu povo* esse chamado a uma voz do coletivo, representado pela expressão “meu povo”, está bem explicitado. É um sujeito-poético que motiva o povo a não se calar, mas a falar, a usar sua voz, tal como podemos ver nos versos da segunda estrofe:

Vaia, meu povo,  
Põe a boca no trombone,  
Sem desligar o microfone,  
Que é pra vaia ser maior.  
A vaia é o grito livre,  
É o desabafo  
De quem anda na pior (*ibidem*, p.16)

Os últimos versos desse poema retratam um povo que é convocado a falar, a gritar, a vaiar e denunciar a sua situação de opressão. Há um chamamento para uma luta:

Viva, meu povo, viva forte pra lutar (...)  
O pecado é se calar  
quem cala consente o drama,  
mas quem fala  
sai da cama  
acordado pra vaiar (*idem*)

Ainda sobre as considerações acerca do conceito de memória feitas por Elizabeth Jelín percebemos que a produção artística tem um papel potencialmente significativo de incorporar um passado de opressão (como já discutido anteriormente) e torná-lo dizível para que possa ser ouvido. Então, estas vozes que acima citamos, esses gritos que saem dos versos de Medeiros, podem ser lidos como elementos constitutivos dentro de um processo de rememoração para superação de repetições, enganações políticas e explorações. E, nesse contexto, o poeta desempenha este papel de convocar, de promover o debate e a reflexão crítica sobre o passado, (re)construindo coletivamente seu sentido para o presente/futuro (JELÍN, 2002, p. 16).

Ainda segundo Jelín, memória e identidade estão interligadas a acontecimentos do passado e este mesmo passado pode ser determinante na construção de identidades individuais e coletivas. Assim sendo, as produções

artísticas assinalam a existência de um passado no Vale (passado de opressão, de miséria, da existência de uma imagem da falta) mas que, no presente, e visando o futuro, exaltam uma outra concepção de “ser” do Vale. Não mais um povo submisso, mas um povo que reconhece seu valor, recupera sua estima e começa a ser dono da própria voz e de sua história. Este homem do Vale toma sua canoa, rema, rio abaixo ou rio acima, de cabeça erguida, não mais obediente ao “outro” que o oprime. Os poemas de Gonzaga representam este homem que identifica outro Vale. Esse outro Vale ainda pouco conhecido e verbalizado por nós.

Jelín (2002, p. 24) *apud* Gillis (1994) assevera: “Poder recordar y recordar algo del propio pasado es algo que sostiene la identidad.”<sup>15</sup> Os poemas sugerem que o processo de repensar o passado está na base para que o homem descubra seu valor, pelo fortalecimento de seus saberes e fazeres e de sua cultura e, a partir disso, comece a questionar, se inquietar e produzir deslocamentos na realidade.

Escutamos, portanto, nos poemas de Gonzaga Medeiros, uma importante voz, por nós compreendida como voz de resistência, que se manifesta por meio da poesia como modo de dizer o não dito, de se fazer escutar, de provocar transformações e, sobretudo, de criar e exercitar um espaço de representação do possível.

## Representações

Servilha ao citar Bossé diz que: “representações estéticas nas obras assinalam, tanto quanto informam (...) consciências coletivas e territoriais” (SERVILHA, 2012, p. 202 *apud* BOSSÉ, 2004, p. 102). Deste modo, os versos que analisamos nesta obra representam um esforço de (re)criar um Vale e mostrar a força, a coragem, a cultura como elementos que conformam as identidades desta região. É um Vale que já é e que ganha vida, voz e é (re)valorizado na obra de Gonzaga Medeiros, podendo, inclusive, ganhar enormes ressonâncias, pois uma representação positiva pode influenciar no modo como as pessoas se veem, alterando suas atitudes para com sua cultura, seu lugar e com as pessoas.

---

<sup>15</sup> Poder recordar e lembrar algo do próprio passado é algo que sustenta a identidade.

Os versos de Gonzaga Medeiros (re)criam um Vale cultural já preexistente e carregam uma imagem construída pela força da palavra e da criação artística que tem como perspectiva o enaltecimento positivo do lugar, da gente e de seus saberes/fazer. É uma tentativa de (re)construir uma autoimagem positiva, com valores do ser, da coragem, da valentia, da esperança. Imagem ao mesmo tempo crítica e consciente das mazelas e descasos sociais, da pobreza, das limitações, mas que volta seu olhar para as fortalezas, para os saberes e modos de ver o mundo desta gente que vive no Vale:

Nós somos o Vale,  
nós valemos  
mais pelo que somos,  
menos pelo que temos.  
Valendo assim e assim sendo  
sempre valeremos  
Em nós o TER perdeu o verbo,  
o SER tem mais valor,  
é mais verbal,  
é o valor que temos  
e valendo assim e assim sendo  
sempre valeremos (ALMEIDA, *et al.*, 1985, p.15)

Esse poema que apresentamos aqui, traz em seu título uma conotação musical e junto a ele a imagem de um Vale como expressão de um coletivo no qual o individual cede lugar a um mutirão, a um “nós” que toma consciência do seu valor, do seu ser em substituição ao ter. Aqui entrevemos um Vale que inverte um dos paradigmas da lógica capitalista, privilegiando os valores do ser contrapostos ao do ter.

Um Vale que se mostra empenhado em uma luta coletiva, uma empreitada a partir da qual a união aparece como um dos valores mais notórios de luta por direitos, cidadania e dignidade. Aqui percebemos mais uma vez o quanto o poeta constrói seu discurso apoiado em valores contrários ao individualismo, já que seus versos exaltam o estar e pertencer a uma comunidade. Uma representação de uma região com forte sentido de coletividade que levanta ativamente uma bandeira e que comunga a mesma esperança.

Poema e música se misturam como se fossem uma nota só. O poeta canta e eleva os artistas da região, sua gente e sua terra amada. Ele insinua a magnífica possibilidade de transformação por meio da palavra e da arte. E, assim, os exalta.

Ele fala, por exemplo, do poeta-cantador Rubinho do Vale que muito iluminou, e ainda ilumina, estas terras mineiras com sua voz:

É Rubinho a riscar no rumo do horizonte  
o traço da verdade,  
a traçar o risco do norte para a causa encampada.  
Eleva o brado heroico, retumbante,  
pela voz sentida, profunda, delirante,  
tirada da alma do peito,  
posta na palma da mão, feito vela,  
no mais alto dos montes do sertão perdido,  
para acender a alma e a coragem do vale gigante (*ibidem*, p.16)

É um Vale que se representa por seu fazer cultural e artístico, com poesia, música, cantorias, rezas que exaltam a fé, a esperança, enfim, a alma de sua gente. Os versos do poema *Mestra Diola*: “Salve Mestra Diola/ porta-bandeira da crença/ vai à frente, vai rezando/ o pendão da fé empunhando/ vai puxando a reverência” (ALMEIDA, *et al.*, 1985, p. 30) sugerem o engrandecimento e valorização de Mestra Diola (compositora local). O poeta, ao homenageá-la, em parte, projeta nela a imagem da cultura do Vale, em seu modo simples de viver a fé, representando a Folia de Reis, uma manifestação religiosa e cultural presente em muitas cidades do Vale.

Outro poema que tem este caráter de celebrar o fazer cultural e artístico é *Araponga* (*Ferreiro da Silva*):

Eu te imagino e te quero  
com o vôo firme dos grandes gaviões,  
fora desse espaço engaiolado,  
longe das amarras, livre dos grilhões,  
na gaiola dos espaço ilimitado.  
Eu quero é te ver voar  
E do alto do Morro da Liberdade  
bater o teu férreo malho, (...) (*ibidem*, p. 33)

Não sabemos exatamente a qual fazer se refere o poeta, mas ele associa este fazer com a ideia de liberdade. Um Vale que é representado pelos seus artistas, com grande valoração e adjetivos positivos que, certamente, contribuirão para construir um novo ideal de (re)conquista da liberdade. Um poema que coroa a gente do Vale e seus fazeres.

Também percebemos isso no poema *Luiz, outro grande Homero*. No início do poema, o povo do Vale vem significativamente representado: “Do Jequitinhonha, vale dos homens fortes, destemidos/ nasceu um destemido homem” (ALMEIDA, *et al.*, 1985, p. 23). O poeta revela um traço marcante que caracteriza positivamente o Vale: gente corajosa, de uma força e energia criadora que os auxilia a superar as adversidades.

Suas “ILÍADAS” e “ODISSEIAS”  
são uma aventura para se cantar,  
são feitos heroicos para epopeias,  
uma lição de luta pra quem quer ganhar.  
Lapidando as pedras do caminho agreste,  
esse outro HOMERO, LUIZ DE ALMEIDA,  
não se iludiu com os pães que lhe foram dados.  
(...)  
Sua meditação profunda  
é uma lição de poesia  
é uma doce melodia  
que a alma do povo canta.  
Seu pensamento lapidado  
É um engenho encantado  
Fazendo a arte que encanta (*idem*).

Este poema, de modo especial, exalta o homem do Vale e seu fazer poético como representações de valores profundos que elevam a alma artística do povo. Ao fazer isso, o poeta inaugura um novo olhar sobre o fazer artístico da região. Exaltar estes poetas, muitas vezes desconhecidos em sua terra, é um ato de enorme valorização, reconhecimento e crença de que a cultura pode unir, libertar, ser instrumento de autovalorização e de transformação, tal e como argumenta Stuart Hall quando diz que: “é somente pelo modo no qual representamos e imaginamos a nós mesmos que chegamos, a saber, como nos constituímos e quem somos” (HALL, 2003. p. 346).

Já no poema *Mulheres do Vale* vemos um poeta que exalta as heroínas do Vale, mulheres que, com seus fazeres, saberes e ofícios, são representadas como protagonistas, defensoras, lutadoras que escrevem sua própria história. O poeta não nega que a luta é árdua e sofrida, mas é exatamente neste aspecto que reside a força e valor destas mulheres:

Vós, mulheres do vale,  
(lavadeiras, artesãs, rezadeiras,  
parteiras, parideiras de outras mais)

sois todas heroínas.  
Escreveis com suor a própria história,  
defendendo a pátria da vida  
no peito, na dividida,  
numa luta quase sempre inglória.  
Se todas fossem iguais a vós... (ALMEIDA, *et al.*, 1985, p.32)

Mais uma vez, neste poema, o ser se sobrepõe ao ter, porque “nós valem mais pelo que somos”. E quem somos? O poeta nos ilumina com suas palavras: somos mulheres lutadoras, heroínas, artistas, poetas, o ferreiro, o artesão, o folião, o cantador... Cada um com seu fazer e saber, carregando outra ideia do que é ser do Vale do Jequitinhonha: um Vale da luta, da alegria, da fé, da esperança, de gente forte e guerreira, que não nega suas dificuldades, mas que encontra na cultura e arte um meio de superá-las.

A música, de Mark Gladston<sup>16</sup> traduz um sentimento especial pelo Vale: “Vale que vale cantar/ Vale que vale viver/ Vale do Jequitinhonha/ Vale eu amo você.” Arte e vida se entrelaçam. É um refrão que se tornou hino do Vale e que retrata esta adoração e amor pela região. Podemos dialogar seus versos com o poema *Vontade maior*, de Gonzaga Medeiros no qual o eu-lírico destaca seu amor e vontade de ficar no Vale, fincar raízes até sua morte nesse “campo santo” que é o “Vale amado”:

Ai que necessidade  
de levar a vida num grande lugar,  
mas que tristeza dá  
O pensamento não vai adiante,  
para, pensa, e num instante  
resolveu que doravante  
aqui devo ficar  
Maior vontade há  
de fincar raízes  
no mais-que-profundo  
Do torrão sagrado,  
aguardar a vida cumprir seu riscado  
e num belo dia  
“estudar geologia”  
no campo santo deste vale amado.  
Ai que desejo dá  
sair viola da parede,  
viola dizer presente,  
cantador canta corrente,  
violiar a lei silente

---

<sup>16</sup> Falecido prematuramente, no ano 2012, Mark Gladston, conhecido como Verono (nome artístico adotado durante a carreira musical) foi um dos maiores cantores e compositores do Vale do Jequitinhonha. Sua música “Jequitivale” é considerada o hino do Vale do Jequitinhonha.



fazer viola chorar...  
e eu não mais partir,  
me amarrar nas cordas  
da viola feitiçeira,  
me amarrar a vida inteira  
até o dia chegar.  
E quando eu partir,  
ficar escrito  
na pedra que me cobri:  
“Aqui jaz quem jamais quis jazer  
debaixo de outro chão  
que não seja o do vale  
do seu coração.” (ALMEIDA, *et al.*, 1982, p. 24)

Há no poema uma clara tensão vivida pelo eu-lírico entre a necessidade de ir para cidade grande, talvez buscar uma condição de vida melhor, trabalho ou formação e a vontade de ficar no Vale, sua terra querida. É um ser enraizado, que quer permanecer em sua terra. Por mais que seja marcado pela pobreza material, o eu-lírico sugere que existe uma riqueza da qual este sujeito não quer deixar, porque é ali que está sua origem e onde sua história foi construída. O poema traz uma sutil reflexão sobre o conceito de pobreza e riqueza, quando considerado apenas a partir da perspectiva material (discurso que se propagou por longo tempo nesta região), que invalida a riqueza simbólica da região, presente na música, arte, na cultura popular. O poeta usa expressões como: “fincar raízes”, “torrão sagrado”, “santo vale amado”, “Vale do meu coração” que se caracterizam como expressões de grande sentimento à terra, ao Vale como um lugar para sua morada até sua morte.

Ainda sobre a questão do lugar para o eu-lírico, essa espacialidade, no poema *Almenara da Saudade*, tem grande valor. O poeta explora o espaço urbano e alguns pontos que o marcaram. Mais uma vez o sentimento de pertencimento a algum lugar do Vale é revelado a partir de sentimentos como saudade, encontro, esperança, fé que aquela cidade representa para ele.

Nos poemas por nós selecionados para a realização desta pesquisa conseguimos visualizar um Vale que olha para dentro de si e resgata os valores que o identificam como uma região caracterizada pela coletividade, pela ideia de comunidade (que aparece em muitos poemas, no sentido de luta coletiva, união do povo marginalizado), que exaltam os valores do ser. O cantador conta as onhas do jequi e descobre que as mulheres, com seu heroísmo, constroem sua história, os poetas e artistas, com ricas produções, sonham e almejam a liberdade e encontram

na arte um meio de representar a si, sua terra e sua gente com suas fortalezas e potencialidades.

### **Considerações finais**

Ter a sensação de “estarmos sempre juntos na mesma canoa” (ALMEIDA, *et al.*, 1982, p. 7) foi um pouco do sentimento que nos envolveu ao navegar pelo Jequitinhonha dos versos de Gonzaga Medeiros. Este “estar juntos” fez-nos ver, sentir e escutar a voz do poeta que canta e conta “as onhas” das lutas, sonhos, esperanças, injustiças, limitações e fortalezas de sua gente simples, mas que tem na vivência e valorização de sua cultura uma das âncoras que sustenta o sentido de ser do Vale.

Falamos de raízes, do que representa valorizar este povo, antes mantido na invisibilidade, à margem, silenciado, e que, encontrou na arte, um meio para se expressar, ser ouvido e conhecido por seus valores, não mais pautados na ausência e no negativo, mas nas suas fortalezas, crenças, saberes e fazeres. Os poemas de Gonzaga Medeiros, analisados nas duas antologias poéticas apresentadas, contam e cantam o orgulho de ser do Vale. Um lugar, às vezes, materialmente desprovido das condições mínimas de sobrevivência, mas simbolicamente, o melhor lugar para este sujeito enraizado realizar-se plenamente. Este sentimento que aflora dos poemas é muito importante para mover as pessoas a buscarem mudanças e transformações que lhes permitam sair da condição de passividade, resgatando força, coragem, alegria, valores tão peculiares associados ao Vale.

Esse outro Vale que ora visualizamos nos versos de Medeiros é o que valoriza sua gente, elevando-as e destacando-as por suas potencialidades, o que colabora para fortalecer a autoestima, a valorização de si mesmo, de sua cultura e tece reflexões que encaminham para reelaboração de suas identidades. E ainda produz questionamentos, tais como: como o outro me representa? Como eu me vejo? Como eu sou e como quero ser representado?

Por fim, abrir caminhos para que o meio acadêmico conheça e compreenda a necessidade de estudar as obras de escritores do Vale revela-se como uma forma de reconhecer o esforço literário da produção local (com todas as suas limitações para publicação) que faz deslocar olhares e avançar para um modo de compreensão

das causas das prevalências dos estereótipos criados sobre esta região. É a possibilidade de a universidade fincar pé realmente no Vale, valorizá-lo e começar a construir uma crítica literária das obras destes escritores. Daí o nosso desejo – pedido de seguirmos juntos nesta mesma canoa –, pois há ainda muitas “onhas” a serem contadas.

## Referências

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ALMEIDA, Wesley P. et. al. *Jequitinhonha: antologia poética*. Belo Horizonte: s/e, 1982.

\_\_\_\_\_. *Jequitinhonha: antologia poética II*. Belo Horizonte: s/e, 1985.

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BERND, ZILÁ. *Literatura e Identidade Nacional*. 3 ed.. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

COUTO, Mia. O menino que escrevia versos. In: *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 131–134.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adeline La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

JELÍN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo veintiuno, 2002.

MARTINS, Tadeu. *Geraes: uma história do Jequitinhonha*. IN: NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (org.). *Vale do Jequitinhonha: cultura e desenvolvimento*. Belo Horizonte: UFMH/PROEX, 2012. p. 148-168.

MATTOS, Sônia Missagia. *Artefatos de gênero na arte do barro*. Vitória: Edufes, 2001.

OS NARRADORES DE JAVÉ. Direção: Eliane Cafeé. Rio de Janeiro: Bananeira Filmes, 2004. 1 DVD (100 min.), color.

SANTOS, Márcia Pereira. *História e memória: desafios de uma relação teórica*. In: Revista Opsi, v. 7, n. 9, 2007. p. 81-97. Disponível em: <<http://revistas.ufg.br/index.php/Opsi/article/view/9331/0#.UdD5Svlwoyh>>. Acesso em: 23/06/2013.

SERVILHA, Mateus de Moraes. *O Vale do Jequitinhonha entre a “di-visão” pela pobreza e sua ressignificação pela identificação regional*. UFF: Niterói. Tese. 2012. 355p.

SILBY, Aurélio et al. *GERAES: A realidade do Jequitinhonha*. Belo Horizonte: NEOPLAN, 2011. Fascículos publicados entre 1978-1985.

SOUZA, João Valdir Alves de & HENRIQUES, Márcio Simeone. *Vale do Jequitinhonha: formação histórica, populações e movimentos* (Orgs). Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2010.

TERRA DEU, TERRA COME. Direção: Rodrigo Siqueira. Rio de Janeiro: 7 Estrelo Filmes, 2010. 1 DVD (88 min.), color.

YOUTUBE, Chimamanda Adichie: O perigo de uma única história - Parte 1. Disponível em: <http://youtu.be/O6mbjTEsD5> Acesso em: 01/07/2014.

YOUTUBE, Chimamanda Adichie: O perigo de uma única história – Parte 2. Disponível em: <http://youtu.be/SZuJ5O0p1Nc>. Acesso em: 01/07/2014.

Texto científico recebido em: 20/09/2015

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes) em: 24/11/2015

Revista Científica Vozes dos Vales - Ufvjm - Minas Gerais - Brasil

[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

[www.facebook.com/revistavozesdosvales](https://www.facebook.com/revistavozesdosvales)

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.